

A FOTOGRAFIA COMO VIRTUALIZAÇÃO DO HOMEM¹

Milton Chamarelli Filho²

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo discutir como a fotografia se tornou uma das formas de virtualização homem. À medida que ela extrapola as fronteiras do corpo, torna-se uma espécie de memória que está fora do corpo. Nessa condição, passa a povoar o mundo dos signos, mas também da velocidade de um novo mundo que se apresenta a ela e que ela tem representar também como signo da subjetividade.

PALAVRAS- CHAVE: fotografia; virtual; arte

ABSTRACT

This article aims to discuss how photography became a way of man virtualization. As the picture goes beyond the borders of the body, it becomes a kind of memory that is outside the body. In this condition, the photography starts to populate the world of signs, but also the speed of a new world that is presented to her and she has also represented as a sign of subjectivity.

KEYWORDS: photograph; virtual; art

Pediram-me para falar da fotografia como forma de comunicação, mas hoje, ninguém duvida, que em mundo imerso em imagens, a fotografia comunica. Se comunica, ela partilha, divide, põe em comum algo que vemos ou que não vemos ou que não vimos, o que é sempre mais provável quando se trata de fotos veiculadas pela mídia. Mas o que é a fotografia? Permitam-me fazer uma digressão.

A fotografia é uma das formas de virtualização do homem, para usar uma palavra do filósofo francês Pierre Levy, porque ela expõe fora do corpo o que não pode caber no corpo. Ao virtualizar o homem, cria realidades extracorpóreas, memórias extrassomáticas que criam histórias. Talvez possamos falar que pelos signos e pela fotografia temos uma deslinearização da história na medida em que eles, signos, objetos e artefatos, imagens e esculturas criadas pelo homem, constroem a história cultural do

¹ Esse texto foi apresentado no evento "Arte de Comunicar: cinema, fotografia e música", 18 de abril de 2013, no Cine Teatro Recreio, em Rio Branco – AC.

² Possui graduação em Letras pela Universidade Veiga de Almeida, especialização em Leitura e Produção de Textos (PUC-MG), mestrado em Linguística (UFMG) e doutorado em Comunicação e Semiótica (PUCSP).

homem. Todos eles são testemunhos da necessidade, da técnica que nasce da necessidade e do uso que se faz da técnica pela necessidade.

Isso posto já nos coloca diante de questões caras aos seres humanos, que a fotografia só veio sublinhar, a questão do autoconhecimento, da representação e suas consequências morais, da possibilidade de povoarmos o mundo com as nossas réplicas, perfeitas criações de nós mesmos. Mas aonde começa a fotografia? Na imaginação.

Nossa primeira virtualização é a imaginação. Imaginar já é projetar, colocar-se fora de si, existir, que é, em latim 'sair de'; quando imagino, eu saio do corpo, no corpo, nesse reduto de turbilhões de mecanismos biológicos complexos e inextrincáveis que existem em mim. Quando imagino, penso no que foi, no que pode ser e no que poderia ter sido, e me vejo fora de mim. Não que imaginar seja necessariamente refletir sobre o que somos, mas o imaginar já é a primeira fronteira que demarca, que permite pensar que posso ir além do corpo e de suas amarras.

O aforismo “Conhece-te a ti mesmo” (atribuído a Sócrates) já põe em causa essa necessidade de se autoconhecer, de se conhecer pelo outro que também sou eu mesmo. E é por essa necessidade é que produzimos signos, a forma mais perfeita que a mente humana criou para balizar o acesso à realidade, porque só chegamos a ela por meio de signos, de mediações. Como escreveu o poeta português Fernando Pessoa³:

O Universo não é uma ideia minha,
a minha ideia do Universo é que é uma ideia minha.
A noite não anoitece pelos meus olhos,
a minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos.

O signo é sempre a ponte para o real, mas uma ponte paradoxalmente que nasce do real. O caminho de ida é o pensamento, a percepção que produzimos sobre a realidade, e o caminho de volta é aquele que o signo nos devolve, mas a partir mesmo daquilo que percebemos como signo desse real.

Estamos, por isso, emaranhados em signos, tecido do real, com fios tecidos do real, que vai, aos poucos, construindo nossas tramas e nossos dramas porque, talvez, imersos em signos (imagens, linguagens) nos afastamos cada vez mais do real à medida que mais queremos nos aproximar dele. Como coloca Santaella: “Quanto mais uma

³ Trecho da poesia: “O único mistério do universo é o mais e não o menos”, do heterônimo de Fernando Pessoa, Alberto Caetano.

imagem é capaz de nos dar a ilusão da aproximação do real, com mais intensidade ela reabre a brecha de nossa alienação.” (NÖTH; SANTAELLA, 2005, p.129).

O caráter do duplo encarnado pela linguagem é o mais crucial, o mais essencial das virtualizações do homem. Ela exterioriza o que homem sente, pensa e pretende fazer: ação. Pela linguagem o homem consegue retransmitir a outrem o que vivenciou vivencia ou vivenciará, fugindo assim das demarcações do tempo espaço pela generalização. Quando falo homem ou quando utilizo a palavra homem, não me refiro a um homem aqui e agora, mas a um gênero da espécie *homo sapiens* que já existiram, existem ou existirão. A linguagem virtualiza, projeta o homem fora de si, o faz sonhar, construir compartilhar e disseminar suas experiências.

A terceira das grandes virtualizações do homem é a arte. Iniciada nas grutas pré-históricas, já demarca uma virtualização da atividade do homem, pela sua capacidade de simbolizar pela imagem o que vivencia ou “pensa” sobre a sua realidade imediata; são as imagens de animais, das caçadas, mas imagens também do que ele supõe ser o signo do que garantiria a sua permanência na terra: as imagens das várias Vênus encontradas da Europa à União Soviética projetam sempre, em suas formas, o caráter da fecundidade.

O signo parece ganhar vida se virtualiza; virtual, que é em latim “ânimo”, de alma, um sopro de vida de criadores finitos, mortais, terminais. O signo por isso nos encanta, nos seduz, mas nos atemoriza, como os replicantes de Blade Runner, porque nos leva para uma vida que criamos, mas que sabemos, por fim, não poder habitá-la *ad eterno*. Precisamos de avatares para nos sentir seguros, imunes, ilesos, precisamos do duplo incorruptível, como está em *A Invenção de Morel*, de Bioy Casares ou *O retrato de Doryan Gray*, de Oscar Wilde . Mas, quando mais dele nos aproximamos, mais o fosso do real se abre sob nossos pés⁴. Mas não para nele cairmos, mas para repensarmos sobre ele. A arte nos devolve um pensamento em forma de imaginação e subjetividade a nossa condição de seres temporais e finitos.

E daí recai sobre o signo, a imaginação ou a representação, o fardo moral de que estamos condenados pela imagem, e esse sentimento já existia em Platão, na

⁴ Segundo Sontag: "Possuir o mundo sob a forma de imagens é, precisamente, voltar a sentir a irrealidade e o afastamento do real" (Sontag 1986, p. 144). Ainda, segundo Santaella (2009, p. 29): “Quanto mais uma imagem é capaz de nos dar a ilusão da aproximação do real, com mais intensidade ela reabre a brecha da nossa alienação”.

condenação dos simulacros ou na abominação das imagens que se pareciam mover-se ao fundo da caverna, como na alegoria do Mito da Caverna.

A imagem nos seduz, mas também nos trai. Porque não nos levam à verdade, à essência das coisas. Mas a fotografia “diz” a verdade? A fotografia é uma construção do real ou uma atualização do real, sob ponto de vista (sem trocadilhos), a partir dos recursos técnicos de quem a criou? Entramos aqui no papel que os signos desempenham em nossas vidas, e sem querer, já atribuímos à fotografia o papel de arte. E a fotografia será uma arte? Benjamin põe em questão a fotografia como arte no seu célebre artigo *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*⁵. Imersa no universo das cópias, a fotografia perde a aura dos objetos tidos até então, como artísticos. Pode-se dizer de fatos que com a fotografia as imagens começam a povoar o mundo que antes já existiam na imaginação e nas artes, mas, sobretudo, vai tangenciar o estatuto das artes de reprodução do real. Em seu início, com Daguerre e Niepce, a fotografia nada mais é do que escrita com a luz. Se a fotografia não era arte, ao menos ela servira para deflagrar que algo no mundo tinha mudado. A velocidade mudara o mundo e este dá seu testemunho por meio da invenção dos irmãos franceses.

E será que um signo que provoca essa reflexão não é arte? Vamos Andy Warhol e vemos Marilyn Monroe; vamos a Duchamp e vemos as Latas de Sopa Campbell (*Campbell's Soup Cans*). Quem provocou essa revolução? A fotografia.

Ela é uma fatia de espaço-tempo, geralmente descontextualizada, do espaço-tempo que a originou, fabulação da realidade. Nesse sentido, ela é nosso acesso à realidade, não a realidade, e, no entanto, acreditamos ser ela o testemunho fiel do real, quando na verdade, é a construção desse real. Pelo aspecto icônico, ela é a continuação desse real, como algo que, ao mesmo tempo que é, pode ser vista pelo olhar onisciente de todos os olhares que potencialmente estiveram ali. Nesse sentido, a fotografia exponencializa a potencialidade do olhar ubíquo da pós-modernidade em que nada passa despercebido.

Maximizamos tanto a capacidade do olhar que hoje somos olhados, perscrutados por todos os olhares. Nossas imagens podem viajar *ad infinitum*, podem simular nossa presença, podem ser nosso holograma. Michael Jackson, morto, pode cantar para nós,

⁵ BENJAMIM, Walter. “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. In: LIMA, L. C. (Org.) *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

“vivo”, em um holograma⁶. Estamos nos perenizando, como os personagens da ilha de Bioy Casares que vivem eternamente nela ao acionar de botões. Lá podemos até nos apaixonar por elas, imagens, ou conviver com elas, como em *A Origem*⁷, ainda que pelo sonho.

Isso é o que é de mais básico se pode falar sobre a fotografia. Descendente da câmara obscura e posteriormente *da perspectiva artificialis*, a foto atende ao desejo imemorial do homem de ver sua imagem representada ou refletida. Mas se fosse só isso ou tão somente isso ela estaria no mesmo patamar dos arquivos burocráticos, de algo que se pode guardar em uma gaveta e esquecer, como testemunho de algo que se viu, como se por trás da lente não existisse um desejo do homem de sensibilizar a outrem e a si mesmo, por um meio técnico que é o dispositivo fotográfico.

Essa sempre foi e sempre será a discussão sobre os meios técnicos de geração de signos, ou seja, se eles simplesmente testificam a realidade ou se podem, a partir dela, do registro que dela fazem, também serem formas de arte. Isso foi trazido à tona pela fotografia, na medida em que ela tomou da arte pictórica, no século XIX, o desejo de representação figurativa, mas veio e vem também com as discussões sobre a TV, o vídeo e hoje com a Internet. Mas de fato foi a fotografia que inaugurou, que irrompeu com o caráter de que a arte perdera a sua unicidade, sua aura, como dizia Walter Benjamin⁸, em era da arte na época de sua reprodutibilidade técnica.

Com a fotografia começamos a povoar o universo de signos, e não seria justo dizer que ela é, foi ou será o retrato fidedigno do real, isento de intenção ou de subjetividade. Os ângulos, a iluminação, os enquadramentos ou a singularidade do objeto fotografado dão a ela esse algo mais que a faz também um objeto digno de estar nos museus ou em uma exposição de arte. Como arte e como um signo do visual, ela pode encetar recursos de produção de imagens, guardados nas técnicas da pintura, na verdade, técnicas de comunicação visual.

⁶ Referimo-nos aqui ao holograma do artista, produzido na entrega do prêmio Billboard Music Awards. Esse trecho e essa nota foram adicionados posteriormente ao texto original, uma vez que a apresentação do holograma se deu em 2014.

⁷ Título original: *Inception*. Filme estadunidense dirigido por Christopher Nolan (2010).

Referências

BENJAMIM, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. *In*: LIMA, L. C. (Org.) **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LEVY, P. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 2001.

PESSOA, F. **Poesia completa de Alberto Caeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTAELLA, L., NÖTH. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SONTAG, S. **Ensaio sobre fotografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.